

**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO E UMA BREVE ANÁLISE
DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA MÚSICA “SAMBA
DO ARNESTO” (1953), DE ADONIRAN BARBOSA**

Alessandra Risalde Dias (UEMS)

alessandrarisaldedias@gmail.com

Rosely Brum Ojeda (UEMS)

rosybrumojeda@gmail.com

Neide Araujo Castilho Teno (UEMS)

cteno@uol.com.br

RESUMO

A sociolinguística preocupa-se com procedimentos linguísticos dentro de uma determinada comunidade de fala, de um determinado espaço de tempo e estuda os fenômenos da linguagem, principalmente os da variação na linguagem. As variações linguísticas se revelam nos mais diferentes gêneros textuais e a música por exemplo, trata de um gênero que pode transparecer aspectos sociais de fala de um determinado contexto histórico. O texto que ora analisamos, toma como *corpus* a música de Adoniran Barbosa (1910–1982), compositor e ator brasileiro que nas letras de suas composições aparecem expressões linguísticas com uso da linguagem popular paulistana e variações linguísticas. Trata de um estudo sociolinguístico de cunho qualitativo, um recorte de um acervo maior de músicas do referido compositor. Estudiosos como: Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2012), Martelotta (2011) subsidiaram os estudos acerca da variação e da discussão de norma culta /popular, padrão/ não padrão. A análise da música proporcionou conhecer fenômenos semânticos e fonéticos utilizados pelo compositor enquanto construções de ocorrências linguísticas, assim língua e sociedade estiveram presentes revelando a diversidade linguística nas diferentes maneiras como os indivíduos falam.

Palavras-chave:

Estudo sociolinguístico. Variação linguística. Gênero textual música.

ABSTRACT

Sociolinguistics is concerned with linguistic procedures within a given speech community, within a given period of time, and studies language phenomena, especially language variation. Linguistic variations are revealed in the most different textual genres and music, for example, deals with a genre that can show social aspects of speech in a given historical context. The text that we are now analyzing takes the music of Adoniran Barbosa (1910–1982) as a corpus, a Brazilian composer and actor who in the lyrics of his compositions appear linguistic expressions using the popular language of São Paulo and linguistic variations. It is a sociolinguistic study of a qualitative nature, an excerpt from a larger collection of songs by the aforementioned composer. Scholars such as: Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2012), Martelotta (2011) supported the studies about the variation and discussion of cultured/popular norms, standard/non-standard. The analysis of the music provided knowledge of semantic and phonetic phenomena used by the composer as constructions of linguistic occurrences, thus language and society

were present, revealing the linguistic diversity in the different ways in which individuals speak.

Keywords:

Linguistic variation. Sociolinguistic study. Textual genre music.

1. Introdução

O estudo que ora desenvolvemos está relacionado com a disciplina de Sociolinguística, do PPG (Programa de Pós-graduação em Letras/UEMS/Campo Grande), enquanto uma parte de estudos da língua advinda da Linguística que se preocupa com a relação entre língua e sociedade. A Sociolinguística é uma área de pesquisa que se preocupa em estudar os fenômenos da linguagem, principalmente os da variação na linguagem, e descreve fatos de falares socioculturais relacionados ao falante ou ao grupo social em que este se insere.

As variações linguísticas se manifestam em diferentes gêneros textuais, na música por exemplo, podem aparecer marcas linguísticas que revelam o aspecto social de um determinado contexto, ou estilizar falas. O presente estudo analisa variações linguísticas utilizadas em músicas de um cantor brasileiro, mais especificamente realizar um estudo sociolinguístico cultural. Trata de um estudo sociolinguístico qualitativo e análise da música “Samba do Arnesto” de acervo maior de músicas do referido músico.

Adoniran Barbosa ficou conhecido pela sua música e pelo seu envolvimento com atividades ligadas ao rádio, cinema, televisão e a música. Todavia se consagrou no ofício de cantor ao destacar em suas composições a fala do cotidiano da comunidade a que pertencia. Faleceu em 1982, mas suas canções são registros de fenômeno estudados pelas diferentes áreas de conhecimento, mormente pela Sociolinguística que estuda a língua e sociedade nos diversos falares.

O *corpus* analisado constitui uma das canções de Adoniram Barbosa, sob o título de “Samba do Arnesto”, que se destaca pelo emprego da variante não padrão. Os temas de suas composições fixam em maior parte nas dificuldades da vida, retratada nas músicas “Despejo na Favela” e “Saudosa Maloca”, ou temas que falam da simplicidade e do amor como em “Prova de Carinho” ou “Tiro ao Álvaro”, mas não deixou de registrar temas ligados as tragédias como em “Iracema” ficando com as canções “Trem das Onze”, “Samba do Arnesto” e “Mulher, Patrão e Cachaça” como temas do cotidiano dos fazeres braçais e do divertimento.

O estudo está organizado em duas partes, a primeira aborda princípios teóricos a partir de ensinamentos de: Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2012), Martelotta (2011), que tratam da variação e mudança linguística, e do conhecimento epistemológico. A segunda parte apresenta a descrição e análise dos fenômenos linguísticos encontrados na canção em destaque.

2. Pressupostos teórico-metodológicos

O estudo realizado por Salomão (2011) sob o tema “Variação e Mudança Linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil” aborda contribuições importantes dos estudos da sociolinguística e aponta a década de 1960, como um marco do início dos estudos mais sistemáticos na área, embora o termo surgiu no ano de 1939. A partir desse ano muitos estudos foram efetivados e uma crescente evolução de trabalhos na área da Sociolinguística tem marcado grandes contribuições principalmente na desconstrução da ideia de homogeneidade linguística.

Para compreender o escopo dos estudos da sociolinguística importante situar o leitor, por meio de uma retrospectiva dos movimentos da linguagem sobre a relação entre língua e sociedade antes do ano de 1939. Alguns princípios e teorias tornaram marcas para o surgimento da Sociolinguística, como Saussure (2006) Chomsky (1997) e Labov (2008), estudiosos que romperam conceitos realizados pelo estruturalismo e pelo gerativismo que influenciaram a Sociolinguística. Deve-se a Saussure a criação da Linguística Moderna (1916), e este desfaz a ideia de que a língua possuía uma estrutura fixa e imutável, e constrói uma teoria diferente. Separando a língua e fala foca seus estudos na análise da língua, pois, segundo ele “(...) a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2006, p. 271).

Saussure (2006) define a língua por oposição à fala, como objeto central da linguística – a língua é o sistema invariante que pode ser abstraído das múltiplas variações observáveis da fala. Para Saussure a língua é um fato social, no sentido que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social, privilegia o caráter formal e estrutural do fenômeno linguístico, embora reconheça a importância de considerações de natureza etnológica, histórica e política.

Em oposição a Saussure (2006), o estudioso Jakobson (1973) recrimina a ideia da homogeneidade da língua, que Saussure apoiava, e

posicionando a favor da existência de várias comunidades linguísticas, cujos sujeitos podem interagir de diversas formas e escolhendo o código linguístico que desejam se comunicar dentre uma variedade de outros.

No ano de 1965, o criador da Gramática Gerativa, Chomsky (1965, 1997) propõe uma outra maneira de olhar para língua, defendendo outros pressupostos linguísticos e passa a compreender que a heterogeneidade da língua não seria considerada. O que interessava a este estudioso era o sistema abstrato de regras de formação de sentenças gramaticais, ideias genuinamente gerativistas. Diferente de Saussure, (que olha para a língua como um objeto social), Chomsky considera como objeto de estudo a descrição e a explicação do conhecimento linguístico adquirido, pontuando assim, uma transformação no panorama linguístico da época.

Essa relação entre língua e sociedade foi discutida em 1968 por outro estudioso, Benveniste (1989), em cuja teoria encontra-se a possibilidade de se compreender a sociedade por meio da língua enquanto instrumento de análise do meio social. Como teórico da enunciação, este estudioso adverte que “(...) somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade” (BENVENISTE, 1989, p. 63). A noção de língua apontada por Benveniste, é o que explica a ideia da teoria da enunciação nos estudos sobre a linguagem.

Em se tratando de variação linguística da língua, importante considerar os estudos de Labov (2008) um dos principais autores a tratar da questão da variação linguística. Em meados dos anos 60 do século XX, esse estudioso introduziu novas discussões acerca da heterogeneidade da língua, o que, mais tarde serviria de base para a sedimentação de outras características, considerando um ramo da linguística. Além da questão da variação, a Sociolinguística, este autor se preocupa com o preconceito linguístico, modalidade e estigma social. Além do léxico, a variação pode ocorrer a depender do lugar (variação diatópica) em que a língua é manejada, bem como da situação de formalidade de uso (variação diafásica), dentre outras.

Ademais, este estudioso não só preponderou aspectos da variação linguística, como o contato entre as línguas, o que significa dizer da amplitude do campo da sociolinguística como uma parte de estudos dos diversos assuntos que cruzam língua e sociedade. No dizer de Labov (2008) a preocupação em estudar a língua falada e sua relação ao contexto social, observando a comunidade linguística, como essa comunidade se interagem

verbalmente e se comunicam um com os outros, ou quais normas relativas aos usos pertencem a tal comunidade, pois “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008, p. 21).

Ao pensarmos na relação entre língua e uso ainda temos a tradição estruturalista que permaneceu e ainda persiste na Linguística, com uma teoria que adota a língua como um sistema fechado, sem interferências exteriores. Essa tradição estruturalista teve início com os estudos de Saussure, e todo conhecimento do campo da linguística mais contemporânea tem vínculos com as correntes estruturalistas. Martelotta (2010, p. 53), explica essa relação do estruturalismo e a gramática estruturalista como uma forma de “descrever a estrutura gramatical das línguas, vendo-as como um sistema autônomo, cujas partes se organizam em uma rede de relações de acordo com leis internas, ou seja, inerentes ao próprio sistema”.

Em seu texto “Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso”, Martelotta (2011, p. 38), analisa fenômenos de mudança e propõe uma análise linguística centrada no uso. Assim explica sua abordagem: “como o próprio nome sugere, considera haver uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem dela nos contextos reais de comunicação”, e vai além nas suas análises, agrupa o semântico, pragmático e o discursivo além do uso. Para os funcionalistas a função comunicativa da língua ganha notoriedade porque a gramática se coloca como aberta às pressões do uso, ou seja, o falante molda o uso.

A Sociolinguística para Martelotta (2010), trata de um ramo da Linguística, que de certo modo surgiu para estabelecer comunicação independente de conhecer as regras normativas presentes nos livros de gramática, pois “se assim fosse, aqueles que desconhecem tais regras não se comunicariam” (MARTELOTTA, 2010, p. 115). Toda literatura acerca da concepção estruturalista, gerativista e funcionalista da linguagem revista, neste estudo, foram importantes para compreender as especificidades de cada corrente linguística.

Reiteramos os ensinamentos de Bortoni-Ricardo (2005) acerca da Sociolinguística e da variação ligada às diferenças sociais e à dicotomia rural-urbano. Argumenta esta estudiosa que o principal fator de variação linguística no Brasil está ligado a “má distribuição de bens materiais e o consequente acesso restrito da população pobre aos bens da cultura dominante” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 131). Neste contexto de estudo, é que a Sociolinguística se apresenta como um extrato importante para

compreender o tratamento da heterogeneidade linguística, conhecer a identidade dos falantes dentro de seu grupo social incluindo seu contexto social. Nessa ótica, explica Labov (2008, p. 342), que em “comunidades rurais (ou em bairros periféricos), a identidade local é uma categoria de pertencimento extremamente importante (...)”

Em se tratando de ensino há um reconhecimento nas escolas de que a norma culta é tida como correta e todas as demais normas são vistas como erradas, apesar que “qualquer posição que coloque ou pareça colocar em risco a pureza e a propriedade do idioma pátrio será sempre recebida no mínimo com perplexidade” (BORTONI- RICARDO, 2005, p. 13) ou passa por sofrer resistências. Essa norma culta é a que tem sido exaustivamente ensinada pelas escolas, o que não garante o domínio da aprendizagem da língua e com isso reforça a ideia da negação da variação linguística.

Os alunos chegam na escola trazendo diferentes representações, o modo de falar de casa, de sua comunidade, usa de sotaque regional e o papel da escola é desmistificar o preconceito que muitas vezes a sociedade considera que uma língua; e melhor que outra. A função da escola é valorizar a variedade linguística popular, todavia não desprezar o conhecimento das variedades cultas, conforme expõe Bortoni-Ricardo (2005):

Os alunos que chegam à escola falando “nós cheguemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes de prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. O caminho para uma democracia é a distribuição justa dos bens culturais, entre os quais a língua é mais importante. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15)

Corroborando com essa estudiosa o linguista Bagno (2013), que é a favor da escola assumir o papel de ampliar o repertório linguístico dos alunos, de maneira que proporcione ao aluno outras oportunidades de conhecer outras variedades além da que ele possui, pois para educar sob o viés da Sociolinguística “tem que partir daquilo que a pessoa já sabe e sabe bem: falar a sua língua materna com desenvoltura e eficiência” (BAGNO, 2013, p. 117). Esse é o melhor caminho para que efetive uma educação linguística, de acesso à variedade culta da língua, ou outras variedades, sem desconsiderar a sua variedade que conhece.

Compreender a variação linguística é refletir que todas as línguas vivas variam, quer seja com referência ao espaço, ou a classe social dos

sujeitos que falam, ou quanto a idade do falante ou ainda conforme a situação em que o falante usa. São mudanças que conferem a língua de maneira natural sem representar decadência ou menos prestigiada. Bagno (2005) instrui que, em relação a língua, o falante que aprende a sua língua ele que torna capaz de “discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado” (p. 124) em outras palavras, o falante que opta por dizer os enunciados obedecendo ou não a norma padrão da língua, pois “ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar (Cf, BAGNO, 2005, p. 124).

Essa discussão de norma culta/popular, padrão/não padrão já foi objeto de muitas discussões na literatura. A conceito de norma trata de um assunto de interesse da sociolinguística e das práticas descritivas da língua. E ao acrescentar a palavra culta em Norma culta certamente restringimos a que existe uma única maneira “certa” de falar a língua, aquelas conforme ditam as gramáticas, e tudo que for diferente do culto passa a ser popular, vulgar, não padrão. Essas distinções para designar a norma culta ou padrão são explicadas por Bagno (2012):

A norma-padrão não é um modo de falar: como o próprio termo padrão implica, trata-se de um modelo de língua, um ideal a ser alcançado, um construto sociocultural que não corresponde de fato a nenhuma das muitas variedades sociolinguísticas existentes em território brasileiro. Por ser uma forma ideal, no sentido platônico do termo, a norma-padrão não pertence ao mundo dos fenômenos, mas exclusivamente ao mundo das ideias, sendo, portanto, um ser de razão (BAGNO, 2012, p. 25)

A proposta do estudioso Bagno (2002) não trata de valorizar uma língua ou outra, mas o discutir os valores sociais conferidos a cada variante linguística, “ênfatizando a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção linguística, oral ou escrita”, Bagno (2002, p. 75). pois a língua sempre vai estar sujeita a ponderações sociais ora de maneira positiva, ora de forma negativa.

3. *A teoria e a variação linguística (Labov)*

Para compreender a teoria da variação linguística e a análise sociolinguística inerente conhecimento ligados a comunidade de fala. As diferentes formas de falar do sujeito são consideradas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A comunidade de fala onde viveu Adoniran Barbosa tinham seu modo

próprio de se expressar, diante da simplicidade e questões econômicas o que caracterizava a presença ou a ausência da regra do bem falar, ou seja desvios das concordâncias. Toda essa gama social torna uma preocupação da sociolinguístico, juntamente com sua a estrutura e evolução da língua.

Para conhecer uma comunidade de fala no contexto social, necessário se faz compreender (Cf. LABOV, 1972) e alguns princípios da língua enquanto sistema heterogêneo e ordenado. A Sociolinguística e seu objeto de estudo “a variação linguística”, ou seja, “a língua e sua relação com a sociedade” não pode deixar de ser considerada pela escola enquanto sistema para compreender a estrutura da língua e seus fatores externos por exemplo: idade, sexo, escolaridade, classe social, local de moradia entre outros. Nesse sentido, a teoria da variação considera a língua em seu contexto sociocultural, pois a explicação da heterogeneidade da língua emerge nos usos linguísticos.

A literatura da sociolinguística não deixa de lado os aspectos ligados a comunidade de fala para o estudo da análise variacionista. A comunidade de fala é entendida não como um grupo de falantes que faz uso dos mesmos traços linguísticos, mas que compartilham os mesmos valores aos usos da língua. Devido à amplitude dos estudos linguísticos relacionamento a comunidade de fala, a sociolinguística concentra-se numa subdivisão da comunidade de análise delineando dessa forma as noções de “redes sociais” e de “comunidades de prática”. Elas se distinguem quanto seus aspectos, mas todas são necessárias para a compreensão da linguagem humana, sobretudo da língua falada.

Estes três tipos de *locus* são fatores que podem ocasionar a difusão na mudança linguística. Na teoria variacionista, os processos de mudança ocorrem no interior das comunidades de fala para as grandes mudanças e consideram a língua em seu contexto sociocultural, visto que, parte considerável das explicações se baseia em fatores extralinguísticos, não apenas em fatores internos ao sistema linguístico.

No caso das redes sociais, elas são baseadas nas ligações sociais nas quais as pessoas estão engajadas, são grupos de pessoas que possuem laços sociais em comum. Tais como as relações familiares, amizade ou vizinhança, conforme o grau de envolvimento pode afetar os comportamentos e as atitudes uma das outras, incluindo as normas linguísticas. As mais fracas teriam poucas influências externas, levando a variações e conseqüentemente a mudanças linguísticas e comportamentais.

O estudo da variação linguística como prática social requer além de análise quantitativa, a observação dos falantes em comunidades de prática, por meio dessa observar também os estudos etnográficos, como as relações entre o uso da linguagem, estilo e construção de identidade. O instrumento relevante para esse modelo de análise é a coleta de dados de fala.

Ressalta-se que a variação linguística não implica necessariamente em mudança linguística, mas a mudança por sua vez, pressupõe sempre e indispensavelmente, um processo de variação, isto significa que as mudanças surgem da heterogeneidade da língua, sendo que nem todo fato heterogêneo resultará em uma mudança.

Ao discutir os fatores sociais, Labov (2010), afirma que rede social e comunidade de prática são duas forças motrizes da variação e mudança. São unidades menores do que a classe, mas são forças que dão relevo para o indivíduo no processo de mudança. Sobre as comunidades de prática, esclarece que a variação é usada para evocar diferentes identidades e na negociação dos indivíduos por status, as formas linguísticas adquirem valor social. No entanto, a comunidade de fala, rede social e comunidade de práticas sendo considerados fatores sociais responsáveis pela difusão da mudança, não se encontram fortemente relacionados quanto às categorias gêneros e classe social.

Labov (2010) é considerado o fundador da Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. É um linguista americano que se destacou com os estudos das falas dos negros americanos norteando uma metodologia própria para essa área. Labov apresentou também uma proposta linguística que parte da hipótese, de que a variação e a mudança linguística são inerentes a língua, valorizando a fala e suas realizações dentro do contexto social para os estudos da língua e linguagem. Uma das grandes contribuições da Teoria Sociolinguística é a compreensão e estudos focados nos processos de variação/mudança, não apenas os contextos linguísticos, mas os contextos sociais, é o avanço dos estudos sociolinguísticos. A importância de estudar a língua como objeto de construção social. O trabalho de Labov (2010) configurou um paradigma diferente, de natureza dinâmica, onde a língua deixa de ser vista como uma estrutura estática e passa a ser vista como um sistema em constante mutação e profundamente comprometido com a estrutura social em que se insere.

De acordo com o conceito laboviano, comunidade de fala são agrupamentos de indivíduos que compartilham não necessariamente dos mesmos traços linguísticos, mas sim do mesmo juízo de valor acerca desses

traços e os reconhecem como legítimos para a identificação do grupo. Nesse sentido, na comunidade de fala, os indivíduos “não falam iguais”, mas compartilham os mesmos juízos e crenças de valor em relação às normas linguísticas vigentes numa comunidade, pois toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar, ocorrendo assim as variedades linguísticas.

Podemos citar como exemplo três capitais da Região Sul do País: os falantes da capital de Santa Catarina, Florianópolis; falantes da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre; falantes da capital do Paraná, Curitiba. Tomemos como exemplo a variante presente na Região Sul: “tu” (a variável de concordância verbal tem como variantes a presença de marca da concordância (tu vais, tu foste) excluindo a marca da concordância (tu vai, tu foi). Além dessas variantes temos outros exemplos como: É fácil pra ele falar/Para ele é fácil falar; carro/automóvel, cantando/cantano e outros. É comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer a “mesma coisa”.

De acordo com as leituras desenvolvidas, ainda que o professor ou professora desempenhe um papel socialmente reconhecido para o ensino da norma padrão, na sua fala ocorrerá à variação linguística. Não somente na sala de aula, mas em qualquer situação real de uso. Os professores que ensinam a língua nas escolas, em sua maioria, seguem inteiramente as prescrições das gramáticas normativas e estão convictas de que a norma nela fixada é um padrão ideal e deve ser levada em consideração de forma exclusiva não somente pelos alunos, mas igualmente por qualquer pessoa que escreva.

Acreditando nessa hipótese, o ensino dessa língua padrão nas escolas brasileiras deixa a desejar cada vez mais pelos professores. Geralmente, na condição de professor que ensina gramática, muitas vezes nem percebe que em sua fala ocorre a variação linguística. Uma vez que o professor conseguir observar que há variação linguística na sua fala e na fala dos alunos deve reconhecer a heterogeneidade na sala de aula, daí a conscientização da língua padrão e trabalhar diferentes estilos de linguagens e variedades dando a oportunidade de interação em sala de aula, de modo que todo possa utilizar-se de uma linguagem espontânea.

Usando a norma padrão como adição de conhecimento e necessária para determinados contextos comunicativos. Uma das preocupações da Sociolinguística é que haja o reconhecimento da variedade linguística e a partir desse pressuposto haja uma modificação na visão de “certo” ou

“errado” em relação ao uso das variantes não padrão. A escola cultiva a língua pela tradição gramatical (norma padrão) e excluem as demais formas de falar considerando-as como “formas incorretas”, “erros”, “desvios”.

Na acepção sociolinguística, o importante é que o falante tenha competência comunicativa, que ele consiga utilizar de modo adequado seu diferente modo de falar para se comunicar diversos contextos sociais em que se encontra. Logo, não existe o certo ou errado, mas o uso adequado e inadequado dos traços linguísticos diferentes dos falantes para atender a necessidade linguística de se comunicar. As classificações sociais e culturais de “certo” ou “errado” são resultantes de visões de mundo, de juízos de valor, de crenças culturais, de ideologias e por isso estão sujeitas a mudar com o tempo. Nesse sentido diz ser que o “erro” é uma invenção dos seres humanos.

De acordo com alguns embasamentos teóricos, o português falado no Brasil é bem diversificado, não sendo possível afirmar que a língua portuguesa falada pelas camadas sociais populares seja inferior a norma-padrão. Isso pode gerar até mesmo certo preconceito. Cada indivíduo tem a sua identidade, sua variedade no modo de falar e não se distancia das prescrições gramaticais. Ocorre que a língua ensinada nas escolas segue as prescrições das gramáticas normativas como sendo a ideal (correta) de modo a ser utilizada pelos alunos e igualmente por qualquer pessoa. Não reconhecendo que o português falado no Brasil apresenta um alto grau de diversidade gera um complexo de inferioridade entre os falantes da língua.

Sendo assim, há um equívoco na postura ideológica que se baseia na cultura de que a língua escrita (formal) torna um indivíduo como “melhor ou pior” falante da língua. Esses juízos de valor são motivados pelas regras linguísticas e prestigiadas pela sociedade, excluindo algumas variantes, privilegiando a classe social de maior prestígio e estigmatizando as camadas sociais mais populares. A norma padrão não deve ser motivo de exclusão e nem de ridicularização.

É necessário compreender que a variação ocorre em todos os níveis da língua, tanto no contexto social conforme abordagens sociolinguísticas e também na forma estrutural de acordo com os estudos estruturalistas. Labov (2010), desses pontos de vistas, estuda a estrutura e a evolução da linguagem no seio do contexto social formado pela comunidade linguística e os assuntos relacionados a esses estudos provêm da linguística geral: fonético-fonológico; morfológica; sintática; semântica; lexical; e estilístico-

pragmática. No aspecto fonético-fonológico, temos a questão da pronúncia (/r/ da palavra “porta”). Enquanto a variação morfológica denota-se as formas que exibem sufixos (“pegajoso/peguento”).

Em relação as frases, o sentido geral é o mesmo, mas os elementos estão organizados de maneiras diferentes, por exemplo (Uma história que ninguém prevê o final/Uma história cujo final ninguém prevê.), temos aí a variação sintática. Já a variação semântica depende da origem do falante, vejamos: a palavra “vexame” pode significar “vergonha”. A variação lexical se refere às mesmas coisas, num único sentido, como: “mijo, xixi, urina”.

A variação estilística pragmática refere-se aos enunciados, corresponde-se a situações diferentes de interação social, marcadas pelo grau maior ou menor da formalidade do ambiente entre os interlocutores, e podem inclusive ser pronunciados pelo mesmo indivíduo em situações de interação diferentes, assim temos os enunciados: Querem se sentar por favor/Vamo sentano aí, galera. Nesse contexto a linguística geral não se distingue da Sociolinguista, que leva em conta todos os aspectos sociais da língua.

Um fato bastante pertinente é compreender a relação de Labov com Meillet no contexto da Linguística. Explica Marra e Milani (2012) que, enquanto Saussure desenvolvia seus estudos e pesquisas em Paris, Antoine Meillet foi seu aluno mais participativo, chegando a ser seu substituto na École Pratique des Hautes Études, momento em que Labov retornava para Genebra. A relação desses dois linguistas foi o diferencial para alavancar os estudos da linguagem como fato social, o que depõe dizer que coube o mérito a Meillet, como o primeiro linguista a publicar um texto caracterizando a língua(gem) como um fato social. Essa retomada dos estudos de Labov e Meillet tornaram importante no sentido de compreender o estudo que ora realizamos acerca da linguagem e os contornos do fato social vivenciado pelo compositor.

3.1. Aspectos relacionados a Adoniran Barbosa e análise das variações

Adoniran Barbosa (1910–1982), sétimo filho de imigrantes italianos, fixou residência em Valinhos-SP e foi batizado como João Rubinato. Seu pseudônimo foi criado unindo o prenome de um amigo com o

sobrenome do sambista Luiz Barbosa pois achava que seu nome de batismo não era bom o bastante para um cantor de rádio (Cf. BRAGATTO, 2018).

Filho de Fernando e Ema Rubinato, imigrantes italianos que fixaram residência em região de Jundiaí, interior de São Paulo, em 1885, para trabalhar em Valinhos. Entre idas e vindas a família mudou-se para São Paulo em 1934, onde Adoniran Barbosa desenvolveu atividades em diversas profissões: varredor, carregador, entregador de marmita, vendedor de tecidos entre tantas outras ocupações que seu pai e sua irmã arranjavam para ele, porém, não parava em nenhum (Cf. BRAGATTO, 2018), e entre participações em diversos programas de rádio, o que lhe rendeu quatro premiações com o troféu Roquete Pinto, cinema, televisão e a música sendo premiado inúmeras vezes em diferentes contextos.

O destaque para esse cantor deve-se ao fato de ressaltar que a “arte esteve sempre ligada ao Adoniran, ou vice-versa, mas foi como cantor e compositor que se consagrou quase ao final da vida ao retratar em suas composições a cidade e o cotidiano da comunidade a que pertencia” (JOGAS; GOMES, 2003, p. 23). Algumas canções tornaram-se marcas na vida desse cantor como “Saudosa Maloca”, primeiro sucesso como compositor, “Trem das onze” (1964), que aborda temática ligada ao cotidiano das camadas mais pobres da população urbana, “Samba do Arnesto” (1953), “Abrigo de vagabundo” (1959). Utiliza em suas composições um vocabulário próprio da maneira do caipira falar, dos moradores de origem italiana de alguns bairros paulistanos, como Barra Funda e Brás, conforme retratada na música “Tiro ao Álvaro”, gravada por Elis Regina em 1980.

Embora sem diplomas acadêmicos foi diplomado Professor Emérito pelo Instituto de Música de São Paulo e, ainda, eleito Jornalista Honorário em 1976. Suas composições continuam fazendo sucesso, algumas músicas sendo regradas e a memória de Adoniran sempre é lembrada em *shows* e musicais que o destacam como um marco da MPB em São Paulo. O *corpus* do nosso estudo trata da música “Samba do Arnesto”, de Adoniran Barbosa, por trazer diversificação de falares do povo paulistano de um determinado espaço de tempo.

3.2. SAMBA DO ARNESTO (1953)

O Arnesto nos convidô pr'um samba, ele mora no Brás Nóis fumos não encontremo ninguém Nóis vortemos com uma baita de uma reiva Da outra vez nós num vai mais Nóis não semos tatu! O Arnesto nos convidou Prum' samba, ele mora no Brás Nós fumos, não encontremos ninguém Nós vortemos com uma baita duma reiva Da outra vez, nós num vai mais	No outro dia encontremo com o Arnesto Que pediu desculpas, mas nós não aceite- mos Isso não se faz, Arnesto, nós não se im- porta Mas você devia ter pohnado um recado na porta Um recado ansim ói: “Ói, turma, num deu pra esperá Aduvido que isso, num faz mar, num tem importância, Assinado em cruz porque não sei escrever”
--	---

Fonte: “Samba do Arnesto” – Adoniran Barbosa – vagalume. Capturado em <https://www.vagalume.com.br/adoniran-barbosa>. Acesso em: em maio de 2022.

O texto apresentado (música) trata da variação linguística um fenômeno estudado pela sociolinguística que atua no limiar entre língua e sociedade, buscando a heterogeneidade encontrada nos diversos falares. Adoniran retrata por meio de sua música a variação linguística uma forma de falar utilizada por brasileiros que pertenceram a uma sociedade da periferia de São Paulo.

Alguns termos atestam para a criatividade de expressões e termos utilizados por grupos específicos, que no exemplo são pessoas que moram no bairro do Brás (São Paulo). A expressão “baita” (quarto verso), por exemplo, trata de um termo coloquial e segundo o dicionário Michaelis (on-line), “coloquial” constitui a “variante da linguagem oral afeita às situações de trato diário, em que se exige pouca (ou se dispensa) formalidade”.

Os verbos “convido, fumos, encontremo, vortemos, semos, aceite-mos” são variações morfológicas e sintáticas. “Vortemo/voltamos”, trata de uma variação fonológica chamada de rotacismo (troca do L pelo R), assim como pode ocorrer outras transformações fonéticas como: Aférese: acume > agume > gume. A expressão aférese e uma variação linguística quando há queda de um fonema no início da palavra. Os termos “espera/esperar” “pagá/pagar”, em situação semelhante trata de outra variação fonética e morfológica com a retirada do “r” final do verbo.

As variações ocorrem ainda por metaplasmos como aparece no exemplo na música em exame: “reiva/raiva”, “semo/somos”, “aceite-mos/aceitamos” trata de uma variação por metaplasmo por assimilação.

Ou seja, quando ocorre um fonema em contato com outro sofre mudança por ter articulações parecidas ou comuns.

Já o termo “ponhado/posto” trata de uma assimilação por epêntese. O “Ói, /olha” outra assimilação chamada de síncope, despalatização, assimilação. Síncope consiste na queda de fonema no interior da palavra, muito frequente no uso popular, por isso metaplasmo. E nessa linha dos metaplasmos encontramos ainda “pra/ para” (síncope), “aduvido/duvido” – prótese.

Nas músicas de Adoniran Barbosa encontramos o uso de palavras do linguajar popular, expressões do povo, como o povo expressa e não como dita as gramáticas normativas. A música retrata um povo de diferentes sotaques, de migrantes que se uniram em São Paulo, formando uma comunidade, justificando assim, a vivência do cantor no contexto dessa comunidade e transparece em suas composições. Importante ressaltar que Adoniran Barbosa se utiliza de recursos poéticos ao compor suas músicas, usa termos coloquiais, expressões em desuso e transportou toda essa invenção para a modalidade escrita constituindo a variação linguística presente na modalidade oral.

4. Considerações finais

Uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por indivíduos que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meios de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. Toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a sociolinguística reserva o nome de Variedades Linguísticas. O conjunto de variedades linguísticas utilizado por uma comunidade é chamado de repertório verbal.

Enquanto variedade linguística as músicas de Adoniran Barbosa muito bem representam a reunião de migrantes de São Paulo, de um determinado espaço de tempo, embora nos dias de hoje, em 2022, São Paulo continua abrigando migrantes (venezuelanos, paraguaios, africanos) em busca de melhores condições de vida, trazendo sotaques dos mais diferentes modos.

A música “Samba do Arnesto” (1953) constituiu uma amostra dos estudos de variação linguística, de uma comunidade de fala entre os anos 1930 e 1980 período que consideramos como legítima representação

cultural, pois a trajetória de Adoniran Barbosa se confunde com a história de São Paulo, dada as características de suas músicas e a forma de representar o povo paulista por meio das expressões utilizadas.

Os indivíduos não falam de maneira uniforme, tanto que os diferentes falares foram representados na amostra analisada, assim língua e sociedade estiveram presentes revelando a diversidade linguística nas diferentes maneiras como os indivíduos falam e se relacionam determinando assim a importância das variedades linguísticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Sete erros aos quatro ventos: A variação linguística no ensino de português*. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: STUBBS, M.; GAGNÉ, G. *Língua materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2002. p. 13-84

_____. Norma linguística, hibridismo & tradução. *Traduzires*, v. 1, n. 1, p. 9-32. 2012.

_____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 38. ed. São Paulo: Loyola, 2005. [52. ed., 2009].

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1989.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade – um estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola, 2011.

_____. *Nós cheguem na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.